

São Paulo, 6 de Julho de 1928.

A EXPORTAÇÃO DE FRUCTAS

As atenções de uma grande parte da lavoura paulista estão fixas na possibilidades immensas que temos no fornecer, ao exterior, productos do nosso paiz.

As culturas de bananas e laranjas multiplicam-se constantemente. Os mercados de consumidores abundam, carecendo o producto.

Os consules brasileiros no estrangeiro, têm, ultimamente, enviado interessantissimas exposições, elucidativas sobre o assumpto.

A Inglaterra, para onde já estamos exportando, offerece-nos vasto campo para as fructas brasileiras e, assim, muitos outros paizes da Europa.

Os inglezes, grandes apreciadores, têm a primazia no consumo europeu pois, nos ultimos 5 annos, importaram fructas no valor de oito milhões de contos de réis.

q Em Londres paga-se por um cacho de bananas 18\$000; em Dublin um abacaxi custa dez mil réis, a Irlanda importou, em 1927, oito mil contos de laranjas, quatro mil contos de bananas e cerca de mil e trescentos contos de limões, tudo procedente da Inglaterra, Hollanda, Belgica, Italia e Hespanha.

Destes paizes, só os dois ultimos produzem laranjas e, nenhum, produz bananas; são simplesmente revendedores.

Hamburgo recebeu, em 1927, 32.151 caixas de laranjas num valor de mil e quatrocentos contos de réis;.

A Belgica importa, annualmente, cincoenta milhões de kilos de laranjas, dos quaes, consome vinte milhões e re-exporta trinta milhões para a Allemanha, Hollanda e Norte da França. Na safra de 1926-27, o preço medio em Antuerpia foi de trinta e seis mil réis por caixa com cincoenta e cinco kilos de laranjas.

O mercado belga se abasteceu quasi exclusivamente na Hespanha onde a exportação é feita nos mezes de Novembro a Maio.

O resto da Europa tambem só tem laranjas nestes mezes que são os do inverno no hemispherio norte, pois, ~~tambem~~ os productores africanos, australianos e yankees, não conseguem enviar seus productos antes dos mezes de Julho a Outubro.

Justamente quando a Hespanha termina sua safra, nós estamos iniciando a nossa e poderemos, então, fornecer á Europa durante seu verão, quando as laranjas são mais apreciadas e mais caras.

As bananas adquiridas pelos europeus, de procedencias varias, são inferiores ás brasileiras que facilmente conquistariam ex mercados. Em 1926, a Gran Bretanha importou treze e meio milhões de cachos pagando por elles cerca de duzentos e quarenta mil contos. Compareese esta cifra com a producção, em 1926, dos municipios de Santos e São Vicente que attingiu a oito milhões e quatrocentos mil cachos num valor de dezeseite mil e quatrocentos contos que somado com a producção dos demais ~~municípios~~ municipios paulistas se elevou a vinte e tres mil e seiscentos contos.

O abacaxi, fructa deliciosa cujos apreciadores abundam, é fa

é facilmente vendido em qualquer mercado.

As nossas plantações segundo dados da Secretaria da Agricultura são as seguintes, aproximadamente:

<u>Municípios</u>	<u>Pés de laranjas</u>	<u>de bananas-</u>	<u>de abaxis.</u>
Araraquera	21.400	338.860	1.496.000
Araras	11.360		
Campinas	20.600	453.950	509.000
Caçapava	64.100		
Guariba		248-100	
Guarulhos	16.300		
Gavião Peixoto			75.000
Itu	18.610		
Itanhaen		391.000	
Itapetininga			143.250
Itararé			116.500
Jacarehy	23.700		
Jaboticabal		842.000	
Limeira	811.100		
Mogy Mirim	10.000	985.530	361.000
Mattão		179.500	
Nova Europa			188.000
Palmeiras	19.130		
Piracicaba	18.600		
Porto Feliz			2.020.200
Ribeirão Preto		140.840	91.700
Rio Claro	24.330		
Sorocaba	1.363.210		
Santa Rita	14.000		
São José dos Campos	12.800		
Santos		4.208.000	
São Vicente		2.089.000	
São Carlos		301.600	
Santa Barbara			1.820.300
Taubaté	130.760		
Tieté	13.470		
Tatuhy			98.400
Villa Bella	11.800		
Villa Americana			399.500
Outros municípios		700.572	
Total	2.605.270	10.878.952	7.318.850

A produção de abacaxis em 1926, foi de 7.300.000 fructos num valor aproximado de treis mil contos de réis.

As produções paulistas, tão incipientes, se têm desenvolvido com bons proventos para os que a ellas se lançaram; com lucros certos e terras abundantes para cultura, desenvolver esta grande riqueza depende de satisfazer as exigencias dos consumidores.

Estamos habituados a economisar no acondicionamento e a impôr o consumo da produção sem classificar pela qualidade; isso o europeu absolutamente não acceta. É indispensavel

fornecer laranjas de uniforme tamanho em cada caixa, com fructos limpos, embrulhados em papel e enxaixotados em envoltorios "standard".

Os cachos de bananas devem ser de maturação uniforme e não conter fructos machucados pelo transporte descuidado.

O abacaxi não póde soffrer os máos tratos do transporte a granel; estes fructos são colhidos e logo jogados pelo colhedor para um monte de onde são novamente jogados para a carroça que os leva á estação; o embarque se faz da mesma fórma: jogando. Ora, nós comemos os abacaxis um pouco amassados mas na Europa elles são considerados podres.

Basta dizer que os inglezes consideram impróprias para a alimentação as bananas cujo pendunculo está amassado e ennegrecido.

De Londres nos dizem: "ha que não perder de vista que se o mercado europeu paga preços superiores ao mercado do Prata, tambem exige mercadoria muito escolhida".

De Berlim, o consul brasileiro transmite este salutar conselho: "outro teria sido o resultado, se tivesse havido da parte de todos os nossos exportadores, maior capricho na escolha das fructas e na limpeza das cascas". "Somente fructas com cascas bem limpas e lisas é que são valorizadas na Bolsa de Hamburgo".

Conforme dados officiaes, foi a seguinte a exportação de fructas nos ~~dois últimos~~ annos passado:

<u>Destino</u>	<u>Peso em kilos</u>	<u>Mil réis papel</u>
Argentina	61.548.218	15.270:866\$000
Inglaterra	9.197.515	2.321:735\$000
Uruguay	4.489.457	942:311\$000
Allemanha	931.717	615:766\$000
Hollanda	233.350	135:992\$000
Estados Unidos	85.205	16:563\$000
Chile	23.285	5:222\$000
França	6.300	2:888\$000
Italia	1.130	750\$000
Portugal	225	220\$000
Totales	76.516.432	19.212:313\$000

Atuev upo.

O BISPADO DE SÃO PAULO

O "Diario da Noite" de hontem, dia 3, publicou interessante noticia sobre a creação e primeiros prelados do bispado de São Paulo.

Pego, ao seu autor, venia para discordar de uma citação, rapidissima, que elle fez ao nosso primeiro bispo chamando-o Francisco de São Jeronymo. Vê-se ahí um equívoco explicavel, mas que não deve ficar sem reparo, a bem da verdade historica.

Dom Frei Francisco de São Jeronymo, natural de Lisbôa, doutor pela Universidade de Coimbra, foi o terceiro bispo do Rio de Janeiro, nomeado em 10 de Dezembro de 1700. Nesta cidade, depois de 19 annos de proficuo episcopado, falleceu ao alvorecer de 1721.

O primeiro bispo de São Paulo, que o distincto historiador do "Diario da Noite" quiz nomear, foi Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, clerigo secular do habito de São Pedro, cujos ossos, se não nos falha a memoria, se acham na crypta da Nossa Sé em construcção. Rememoremos a sua época: a 25 de Janeiro de 1746, o São Paulo de então, pequenino, perdido na immensidão virgem do nosso Brasil creança, rejubilava-se ao receber de Dom Bernardo uma carta na qual communicava a sua eleição.

El Rei de Portugal, Dom João V, creou o bispado de São Paulo por decreto de 22 de Abril de 1745 e nomeou, em 6 de Setembro, seu primeiro pastor. A 6 de Dezembro do mesmo anno, eram confirmadas, creação e nomeação, pela bulla "Condor lucis æternæ" do Beatissimo Padre Benedicto XIV.

Recebendo a honrosa carta de Dom Bernardo, o Senado da Camara apressou-se em ordenar aos paulistanos "luminarias em obsequio de Sua Magestade ser servido nomear para esta cidade Bispo". Por tres noites seguidas esteve a cidadezinha e seus conventos candente de luzes.

Aos 6 de Maio eram creadas a Cathedral e suas dignidades, concedendo-se, ao bispo diocesano, a faculdade de provel-as.

O espirito religioso naquella época era florescente. Padres regulares haviam já levantado consideravelmente o nivel moral, tão rasteiro nos primeiros annos de colonisação.

As familias já se preocupando com suas estirpes; o espirito de nobreza e o espirito do mando nascido nos crescos paulistas depois de satisfeita a séde das explorações ouriferas, auxiliaram grandemente a obra de moralisação.

São Paulo em 1745 já não tinham vestigios dos males dos primeiros tempos. A dignidade patriarchal dos paes de familia, tão desenvolvida e generalisada até os primeiros annos da Republica, já campeava pela mentalidade dos paulistas de antanho. Os conciliabulos genealogicos já precediam os casamentos. As habilitações "de genere" e os "nobilitate probanda"

se avisinhavam.

Entre as festas religiosas do tempo, 4 eram promovidas pelo Senado da Camara, de accordo com a real determinação: a de São Sebastião, em 25 de Janeiro, a de Corpo de Deus que em 1746 cahira em 9 de Junho, a do Anjo Custodio em 19 de Junho e a de Santa Isabel em 2 de Julho.

As festas reaes se realisavam com grande pompa. Os vereadores, ás 8 horas da manhã, se reuniam com o ouvidor e corregedor geral, no Senado de onde seguiam incorporados, com seu estandarte, para a igreja matriz. Na missa cantada pregava sempre um sacerdote previamente convidado pelo Senado da Camara. Estas escolhas, nos annos correntes, recahiam no Abade de São Bento, Frei Antonio da Madre de Deus, em Frei Angelo Mestre do Carmo, Frei Antonio do Desterro ou nos franciscanos que, nessa época, lutavam por reconstruir seu convento destruido em 1741. Para porta-estandarte, charola, e varas do pallio, eram escolhidos em eleição pelos vereadores, as mais destacadas personalidades do lugar.

A festa do Corpo de Deus, de maior importancia entre as demais, tinha especial brilho e magestade "com o Senhor exposto". A procissão percorria principaes ruas da cidade onde as casas tinham sido caiadas previamente, por ordem do Senado da Camara. As portas e janellas "armadas com colchas e outros aprestos"; as testadas das casas limpas e tapados "as bocas e buracos".

Todas as "pessoas boas" e homens da republica, residentes até 3 leguas da cidade, eram obrigados a acompanhar a procissão, dando-se o mesmo com os officiaes de officios mechanicos, que tambem concorriam com palmas, adornos, etc., necessarios á festança.

As escusas, quando justas, eram acceitas; neste anno Francisco Bueno da Rocha, eleito para pegar na vara do pallio, recusou por se achar "na occasião desenfardelado".

Mas, voltemos a Dom Bernardo: ás 7 horas da noite de 4 de Agosto, estava São Paulo novamente bordado de luminarias por ser vespera da posse do bispado, pelo procurador do bispo o "reverendo padre doutor vigario da vara" Manuel José Vaz.

Dom Bernardo estava no Rio de Janeiro. Urgia preparar-lhe a recepção. Antonio Soares foi nomeado "cabo da factura do caminho desde a Borda do Campo até a cidade". Os caminhos foram preparados com o consurso de todos os moradores da região; os que tinham escravos, enviavam-nos para trabalhar e os que não os tinham concorreram "com suas pessoas".

Dom Bernardo fez sua entrada solemne aos 8 de Dezembro. A elite paulista foi esperal-o no bairro dos Meninos. Creemos que o fez com a maxima satisfação mas, e sua natural contentamento, não impediu que o Senado da Camara, prudentemente, distribuisse previa intimação para a presença nos Meninos, sob pena de "seis mil réis e trinta dias de cadeia".

O bispo, debaixo do pallio levado pelos snrs. Tenente Coronel Antonio da Cunha de Abreu, Capitão Ignacio Xavier Cesar, Capitão Pedro da Rocha Pimentel, Alferes Francisco Bueno da Rocha, Capitão Francisco Xavier Cesar e Capitão Luiz Pedroso de Almeida, atravessou a cidade, toda caiadinha e adornada de colchas e palmas, em demanda da igreja de "São Bento" servindo de Sé". Viu-se São Paulo resplandescente nas suas luminarias,

por tres noites seguidas.

Sete dias depois, o Senado da Camara fazia cantar, no São Bento, uma missa em acção de graças.

O episcopado de Dom Bernardo foi demasiadamente curto para deixar traços indelevelis; sua alma deixou o mundo aos 7 de Novembro de 1748, sendo o seu corpo sepultado na Capella-mór da igreja do Collegio.

São Paulo, 4. de Julho de 1928.

Mello Pupo

(Mello Pupo)